

Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano

Lígia Campos de Cerqueira Lana e Renné Oliveira França

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar a relação entre vida cotidiana e acontecimento a partir das conceituações propostas por Louis Quéré, Gilles Deleuze e John Dewey. O cotidiano é comumente rompido por acontecimentos a princípio sem sentido ou sem explicação e com forte poder de afetação¹ que, aos poucos, vão sendo sedimentados na experiência dos sujeitos. Partimos do pressuposto de que os *media* trabalham para dar significado a esses acontecimentos por meio da linguagem e devolvê-lo ao espaço público já integrado à ordem das coisas – no tempo da vida cotidiana.

Palavras-chave

Cotidiano. Acontecimento. Mídia.

1 Introdução

Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã, me sorri um sorriso pontual e me beija com a boca de hortelã/ Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar, e essas coisas que diz toda mulher, diz que está me esperando pro jantar e me beija com a boca de café [...] Seis da tarde, como era de se esperar, ela pega e me espera no portão

Chico Buarque, Cotidiano, 1971

Nas ações da vida cotidiana, experimenta-se a existência ordinária: comer, dormir, trabalhar são gestos básicos da sobrevivência humana. Aparentemente, o traço fundamental dessas ações é a rotina. Costuma-se almoçar sempre no mesmo horário, o trajeto para o trabalho é geralmente o mesmo, adotam-se rituais para diferentes momentos do cotidiano: à primeira vista, os momentos vividos no cotidiano são previsíveis, as ações se desenrolam da maneira esperada. No entanto, essa repetição não é dada de antemão pelo cotidiano.

Referência para o estudo do cotidiano, o trabalho de Agnes Heller (1992) mostra que

Lígia Campos de Cerqueira Lana | ligialana@gmail.com

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG –, mestre em Comunicação Social pela UFMG. Professora da Faculdade Promove de Belo Horizonte.

Renné Oliveira França | renneoliveira@yahoo.com.br

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, mestre em Comunicação Social pela UFMG. Professor substituto do Departamento de Comunicação Social da UFMG.

as ações do cotidiano, ao assimilar o outro e o mundo, fazem emergir a vida dos indivíduos enquanto ser particular e ser genérico. Enquanto ser particular, o humano apresenta sua individualidade, unicidade e irrepetibilidade, baseadas na assimilação de uma dada realidade social. O particular relaciona-se então ao genérico, também contido em todo ser humano. Estão articulados no ser humano tanto uma dimensão singular como uma expressão integrada de situações compartilhadas socialmente. Nessa dinâmica, a estrutura da vida cotidiana é constituída por uma relação muda entre particularidade e generalidade. As ações do cotidiano são automáticas, exigem procedimentos rápidos, não podem demandar “*todas energias em cada decisão*” (HELLER, 1992, p. 25, grifos da autora). Ao tomar uma atitude qualquer no dia-a-dia, não se leva à consciência os choques entre o particular e o genérico. Para Heller, essa seria a principal característica do cotidiano.

A espontaneidade do cotidiano surge da ausência de comunicação entre ser particular e genérico. Caso houvesse a reflexão sobre cada uma das ações mais comuns do cotidiano, não seria possível a execução das tarefas do dia-a-dia. As maneiras de agir do cotidiano são espontâneas, trazem um saber fazer já conhecido e, ao mesmo tempo,

são únicas: “reagimos a situações singulares, respondemos a estímulos singulares e resolvemos problemas singulares. Para podermos reagir, temos de subsumir o singular, do modo mais rápido possível, sob alguma universalidade” (HELLER, 1992, p. 35). Apesar desse fazer singular, a vida cotidiana seria da ordem da alienação. O trabalho de Heller, assentado em perspectiva marxista, mostra que a alienação surgiria do não reconhecimento da heterogeneidade da vida cotidiana. Interessa para a autora a possibilidade de elevação; a partir de ações singulares, o cotidiano abre-se à invenção e ao abandono da alienação. O conceito de cotidiano esbarra, assim, na ambigüidade: a vida cotidiana é o que se repete e, ao mesmo tempo, é o inesperado. É o banal e também o que se abre ao inusitado e ao novo, é a rotina e a invenção.

Uma outra chave de leitura para a vida cotidiana pode ser encontrada nos estudos pragmatistas norte-americanos. O foco da análise incide na dimensão ativa do cotidiano; as operações da vida cotidiana associam-se ao conceito de experiência. John Dewey (2005) indica que a experiência entrelaça sujeito e meio ambiente. O processo de existência é caracterizado pela interação em que os organismos adaptam-se agindo diante dos conflitos e das condições de

1 Utilizaremos aqui a noção de “afetação” a partir da apropriação que Louis Quéré (2005) faz da discussão de John Dewey (2005) a respeito da experiência. Segundo o Dewey (2005), a experiência resulta da dinâmica de energia entre criatura viva e ambiente, seus encontros e tensões, de modo que elas não se encerram em um sujeito, mas entrelaçam o eu e os objetos e eventos do mundo. Trata-se de uma relação fundamental entre o fazer (ação) e o padecer (*pathos*), de modo que a criatura viva e o ambiente alteram o seu fazer em virtude do padecimento. Quéré nomeia esse processo de fazer-padecer como afetação: “Só há experiência quando há transação entre duas coisas que não são exteriores uma à outra, por exemplo, entre um organismo e o meio ambiente que o rodeia, em que cada um é *afetado* pelo outro e reage segundo a sua constituição” (2005, p.64)..

resistência do mundo: “aspectos e elementos de mim e do mundo implicados nessa interação enriquecem a experiência de emoção e de idéias” (DEWEY, 2005, p. 59). Mais que viver as experiências, os seres humanos as têm² e as sofrem; as emoções suscitadas colore a experiência. A experiência comporta, assim, a ação e o patêmico.

Nesse processo, pode haver dispersão – a maioria das experiências vividas são rudimentares, marcadas por interrupções ou letargia – ou a configuração de *uma* experiência. Ao contrário da fragmentação das experiências ordinárias, *uma* experiência se distingue das demais porque não é mecânica e integra a dispersão vivida em outros momentos, formando um todo. *Uma* experiência, portanto, não é intrusa, ela se baseia na experiência ordinária.

A vida cotidiana em perspectiva pragmatista situa-se no fluxo interativo desordenado das experiências fracas entre sujeito e meio ambiente. O cotidiano abre a possibilidade da configuração de *uma* experiência, não constituindo de antemão um vivido integrado e completo. Já na perspectiva marxista, a vida cotidiana reificadora pode elevar-se por meio da singularidade de ações, o que corresponderia ao abandono da alienação. As perspectivas acionam conceitos e modos de leitura específicos, mas ambas atentam para a repetição ou a dispersão da vida cotidiana que pode, no curso dos eventos, abrir-se ao novo.

A ensaísta Ana Chiara (2007) propõe outra leitura do fluxo contínuo do fazer cotidiano: a possibilidade do terror, a impossibilidade do cotidiano e o terror do cotidiano.

Talvez o cotidiano contemporâneo seja essa possibilidade do terror a cada momento ou a impossibilidade do cotidiano. Além, é claro, do terror do cotidiano. Da mesmice. Da chatice. Da caretice. Ou talvez seja apenas o meu terror cotidiano. (p. 14)

Essas ações se afastam de um possível apaziguamento da vida cotidiana, aproximando-se do real, da violência, da rua e da repetição. O terror a cada momento faz com que o cotidiano seja “uma bolha de ar, pode ser desfeita a qualquer minuto. Basta para isso que um homem decida pegar um avião e entrar com ele numa torre” (CHIARA, 2007, p. 14). O contemporâneo torna impossível a vida cotidiana, já que sempre abre a possibilidade de acontecimentos que elevariam a vida de todo dia. Já o terror do cotidiano aponta o caráter conservador dessas ações: a “mesmice”, a “caretice”; apesar de se abrir aos acontecimentos, o cotidiano constantemente desfeito pelas surpresas da precariedade da vida contemporânea organiza-se de maneira repetitiva.

A imagem frágil da bolha de ar, a ser desmanchada a todo momento e desdobrada em repetição, representa as surpresas que fraturam a vida cotidiana. É no tempo cotidiano que organizamos e compreendemos

os acontecimentos. Regras, hábitos, trocas e habilidades participam desse processo.

2 Compreendendo o acontecimento

*Quando o segundo sol chegar/ Para realinhar as
órbitas dos planetas/ Derrubando com assombro
exemplar/ O que os astrônomos diriam se tratar
de um outro cometa [...] Eu só queria te contar/
Que eu fui lá fora/ E vi dois sóis num dia/ E a
vida que ardia sem explicação*

Nando Reis, O segundo sol, 2001

Diferentemente do cotidiano, em que “todo dia ela faz tudo sempre igual”, o acontecimento não é compreensível em um primeiro momento, uma vez que a serialidade daquilo que decorre – e que configura o possível – é rompida. O acontecimento é da ordem do “assombro exemplar”, do fato “sem explicação”, alterando a aparente repetição da vida cotidiana. Em *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*, Louis Quéré (2005) caracteriza o acontecimento como o que rompe o contínuo da existência. “Quando se produzem, não estão conectados aos que os procederam nem aos elementos do contexto: são descontínuos relativamente a uns e a outros e excedem as possibilidades previamente calculadas; rompem a seriação [...] do correr das coisas” (p. 63). Essa seriação corresponde aos atos da vida cotidiana, em que há continuidade formada por uma seqüência de ações que abrem direção às seguintes. Não permanecemos no cotidiano cercados dos acontecimentos – a vida

de todo dia abriga pequenos acontecimentos seriados e, eventualmente, as rupturas. O cotidiano, portanto, não está separado dos acontecimentos. Assim como *uma* experiência se configura a partir das experiências dispersas do dia-a-dia, o acontecimento também se dá na existência comum, atravessando-a.

Segundo Quéré, “não se compreende o acontecimento porque não podemos ainda inseri-lo num contexto, nem considera-lo como resultado de um encadeamento serial” (QUÉRÉ, 2005, p. 67). O acontecimento obriga que possibilidades que julgávamos impossíveis, que excediam nosso sentido do provável sejam reconhecidas. O possível está relacionado com o momento presente da experiência do sujeito: não se pode definir uma possibilidade sem levar em conta o agora, “momento singular e contingente a partir do qual se abrem possíveis” (QUÉRÉ, 2005, p. 69). É o corte na continuidade que provoca a possibilidade de novos possíveis serem configurados.

O acontecimento está, então, diretamente ligado à idéia de provável, funcionando como força que rompe com as expectativas, efetuando-se sobre o sujeito, que é incapaz de uma contra-afetação, pois não há sentido na ação que se dá. Quéré apresenta Gilles Deleuze e suas considerações acerca do acontecimento como produtor de significado no seu *Lógica do Sentido* em uma tentativa de ampliar o conceito trazendo para a discussão seu caráter hermenêutico. Para

Deleuze (1982), o acontecimento é paradoxal, da ordem da impropriedade: contraria o bom senso (que fecha o sentido) e o senso comum (que dá identidade fixas). Nesse local de troca entre o estado de coisas e o improvável, o sujeito é tomado, buscando produzir algum tipo de sentido pela contra-efetuação. É exatamente por não ter sentido em meio àquilo que já existe que o acontecimento obriga o sentido, fazendo com que o sujeito busque novos significados para dar conta do que acontece a ele.

O campo problemático aberto pelo acontecimento exige uma investigação que vai levar ao sentido produzido. Ele passa então a ser organizado em forma de intriga, de modo a apaziguar o paradoxo, retirando seu poder através do movimento dos sujeitos de reorganizar suas experiências afetadas. O sujeito faz uso de suas experiências passadas para organizar o acontecimento através de uma relação de causa e efeito que não dá conta do acontecimento, já que ele envolve uma relação temporal diferente, que traz para si uma simultaneidade de tempos para a produção de sentido. Dessa maneira, o acontecimento deve ser pensado como uma complexa cadeia temporal formada pela contra-efetuação do sujeito, que, ao ser atingido, busca outras experiências para amenizar o paradoxo.

Funcionando como uma onda com grande poder de afetação, o acontecimento se propaga graças à série de sentidos atribuídos ao seu paradoxo,

que vão se inserindo pelas várias mediações que encontra pelo caminho. O acontecimento rompe o decorrer da vivência comum, e sua contra-efetuação busca apaziguar e reordenar o sentido da experiência ordinária. A linguagem concorre para a configuração desse reordenamento.

Nesse sentido, Louis Quéré (2005) retoma a obra de Wittgenstein, particularmente *Investigações filosóficas* (1953), para reposicionar a relação da linguagem com a experiência. Apesar da distinção de enunciados em primeira pessoa (como manifestação de estados interiores, a expressão do que se experimenta) e em terceira pessoa (descrição dos objetos), Wittgenstein critica a separação entre sensações internas e manifestações externas. A linguagem faz parte ela mesma das sensações que atingem os sujeitos – não são estados interiores antecedentes que se manifestam, em um segundo momento, pela linguagem. A relação da linguagem com a experiência, assim, aponta para a associação entre expressão e afecção.

A questão da linguagem é fundamental para a compreensão do acontecimento como algo produtor de experiências (e conseqüentemente de sentido) pois, retomando Deleuze, o sentido se identifica à expressão: é através dela que se dá a significação, produzida pelo sujeito em meio à sua afetação pelo paradoxal. “O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, ele mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz

das coisas” (DELEUZE, 1982, p. 23). A expressão se dá através da linguagem, que busca organizar o improvável, fechando seu sentido. E se o sentido é o expresso, podemos compreender o local de sua produção como algo entre o estado de coisas que é abalado e a linguagem. O sentido é o próprio acontecimento expresso; é aquilo que se produz pelo rompimento do bom senso e do senso comum, obrigando a uma nova significação do possível: o acontecimento abre-se à história, sugando tudo para seu redor.

A mídia, por exemplo, funciona como um desses locais de ordenação do acontecimento, contribuindo para o sentido que se produz. Mas entre o acontecimento e sua expressão pela linguagem há enunciados que se apresentam, segundo Deleuze, em relações distintas na proposição. O estado de coisas comporta diferentes corpos e relações, e a designação atua exatamente pela associação das palavras a imagens particulares “colhidas” em meio à complexificação do estado de coisas com o objetivo de representá-lo como um todo. “O que conta, no momento, é que certas palavras na proposição, certas partículas lingüísticas, servem como formas vazias para a seleção das imagens em todo e qualquer caso...” (DELEUZE, 1982, p. 13).

Frente a um acontecimento, nosso movimento de designação passa por essa tentativa de buscar particularidades para definir o estado de coisas que foi “quebrado” por esse acontecimento. Da designação, passamos a uma manifestação, que

trata da relação da proposição ao sujeito que fala e se exprime. “A manifestação se apresenta, pois, como o enunciado dos desejos e das crenças que correspondem à proposição” (DELEUZE, 1983, p. 14). Ele apresenta os desejos e as crenças como relações causais e não como associações. Relacionando-se de maneira não-hierárquica com a designação e a manifestação, a proposição apresenta, ainda segundo Deleuze, a significação, que seria a relação da palavra com conceitos universais ou gerais. “A significação se define por esta ordem de implicação conceitual em que a proposição considerada não intervém senão como elemento de uma ‘demonstração’, no sentido mais geral da palavra, seja como premissa, seja como conclusão” (DELEUZE, 1982, p. 15).

A significação está sempre em relação com as outras proposições das quais se conclui, ou cujas conclusões ela torna possível. Enquanto a designação se refere ao procedimento direto, a significação se refere a um procedimento indireto, em que o valor não é mais a verdade, mas as condições de verdade, que, segundo Deleuze, seriam o conjunto das condições sobre as quais uma proposição seria verdadeira.

O autor aponta o sentido como a quarta dimensão da proposição. “Os Estóicos a descobriram com o acontecimento: o sentido é o expresso da proposição, este incorporal na superfície das coisas, entidade complexa irreduzível, acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição” (DELEUZE, 1982, p. 20). O sentido

seria neutro, indiferente tanto ao particular quanto ao geral. Deleuze apresenta Husserl para explicar o sentido como o expresse: ele não existe fora de sua expressão. Não se trata de um círculo de relações complexas que se dão entre designação e manifestação, como na proposição, mas de duas faces: uma voltada para as coisas e outra para as proposições. É entre o estado de coisas que a proposição designa e a proposição que o exprime, que o sentido se encontra. E dessa maneira, segundo Deleuze, o sentido é o próprio acontecimento. Assim, o acontecimento pode ser visualizado pela linguagem, pois é lá que ele se dá, onde o sentido expresse nos mostra suas dimensões de efetuação sobre o texto.

3 Mídia, cotidiano e acontecimento

O espaço público dá a ver a propagação do acontecimento e os modos operatórios do sujeito fazer sua contra-efetuação. Nesse movimento de propagação, que percorre a mídia (sua mediadora fundamental), os sujeitos, por meio da contra-efetuação, vão buscando diminuir o caráter paradoxal do acontecimento, pois através de suas experiências fragmentadas produzem sentido e tomam o acontecimento para si. Seu campo de investigação é distribuído, e, por aquilo que Quéré (2005) chama de transação, os sujeitos fazem uso de múltiplas referências.

O acontecimento entra, portanto, na experiência, não somente como fato, mas ainda como termo de uma transação. O acontecimento e aquele a

quem ele acontece são, ambos, coisas que 'se tornam' no quadro de uma transação, embora o seu 'tornar' seja muito diferente. Uma pessoa não se limita a suportar um acontecimento: responde-lhe, salvo quando prevalece o suportar – ela pode então ser submersa pelo que lhe acontece, embrutecida ou siderada (p. 65).

O dia-a-dia é o leito em que pode correr o abandono da alienação, a organização de *uma* experiência e a ruptura provocada pelos acontecimentos. Elevar-se da vida cotidiana implica percorrer seu fluxo: o momento de ascensão do cotidiano é como uma onda que se forma, ganha altura, chega à praia para retornar ao oceano. Concorrem nesse movimento, portanto, o próprio ritmo do cotidiano. Na vida contemporânea, a multiplicação das imagens técnicas faz com que esse ritmo configurador da experiência de todo dia seja atravessado por uma grande diversidade de informações; algo próximo ao "terror a cada momento" de Chiara (2007). Narrativas mediáticas disponibilizam sentidos que participam da tessitura do fazer cotidiano. A experiência fragmentada da vida de todo dia é cada vez mais tensionada pelas experiências e acontecimentos do espaço público mediatizado. Estudos como os de Wolton (1991), Silverstone, (1996), Sarlo (2000) e Martín-Barbero (2003) propõem investigar essa interlocução. A partir de perspectivas distintas, ressaltam as contradições, as relações de poder, as inúmeras operações técnicas e simbólicas envolvidas no processo.

A experiência fraca da vida cotidiana se constitui e se elabora em relação às experiências públicas

mediatizadas, que estabelecem modulações de narrativas e de tipos de interpelação dos sujeitos, demandando, assim, habilidades e gestos específicos, relacionados ao contexto e à situação de comunicação. Na vida de todo dia – mediatizada pela televisão, por jornais e revistas, no contato com a Internet – é comum os sujeitos serem atravessados por acontecimentos diversos: distantes ou próximos, relacionados ou não à violência, de grande ou pequena repercussão, sérios ou curiosos. Esse elenco de situações díspares é marcado pela descontinuidade; cada vez mais, a vida cotidiana é rompida por esses casos, que definem, no momento em que surgem e são reconstruídos por narrativas várias, suas possibilidades de afetação e de agenciamento dos sujeitos. As imagens da mídia procuram dar conta de um visível sempre mais perto das cenas dos eventos e do drama real dos sujeitos envolvidos. A experiência diária é construída em permanente contato com essas narrativas. Nesse processo singular de leitura de tais textos, estão em jogo aspectos coletivos de formatos com que eventos são configurados a partir de modalidades de ações levantadas e afetos suscitados.

O contato multiplicado com os textos midiáticos disponibiliza e solicita diferentes possibilidades e habilidades do saber fazer cotidiano. Essas práticas, ao se associarem às experiências públicas, ganham novos contornos. Em um outro trabalho, *L'espace public comme forme et comme événement*, Louis Quéré elenca as três maneiras mais comuns de pensar o espaço público.

Enquanto lugar de discussão, o espaço público circularia idéias, informações e confrontação de opiniões, conduzindo ao consenso. Enquanto cena de aparição, o espaço público abrigaria indivíduos e ações expostos à vista de todos. Enquanto esfera pública, ele colocaria em jogo comportamentos e relações anônimas, retirando a dimensão pessoal dos indivíduos. A partir dessas três definições, Quéré propõe um modo de leitura e de compreensão do espaço público enquanto forma, “um dispositivo simbólico de instituição do espaço social e do laço social” (QUÉRÉ, 1995, p. 93). Com essa definição, o autor propõe a análise da aparição e da manutenção desse espaço.

Como forma, ele estrutura a coexistência, configura as relações sociais e mediatiza a singularização dos acontecimentos. Como acontecimento, ele traz à visibilidade, através das práticas e das relações que ele estrutura, acontecimentos que asseguram sua singularização. (p. 94)

O espaço público é um artefato de produção de sentido, pois formula discursivamente os fenômenos do campo social. Essas formulações singularizam os eventos (tempo, espaço, categorias e descrição), definindo o tipo de enquete que será qualificada pelo discurso, ou seja, “circunscreve um campo de análise” (p. 96). Portanto, o espaço público é da ordem da prática, envolve a articulação que guia ações sociais “seja no domínio das relações em público, na comunicação social e na política” (p. 96).

Enquanto forma, o espaço público organiza e potencializa as interações entre ambiente,

indivíduo e acontecimentos. A estruturação das relações sociais é formulada pelo espaço público, que conforma a gestão e as possibilidades de socialização. O espaço público põe em forma estilos de ação, de relação e de comportamento. Ao suscitar formas de ação, o espaço público se configura e se reconfigura pelas próprias práticas que suscita – ele emerge no bojo de práticas por ele mesmo engendradas, que o reposicionam.

Enquanto acontecimento, o espaço público singulariza, em um processo coletivo de individuação, e socializa eventos. Ao indicar aspectos que o definem enquanto acontecimento particular, o espaço público elabora um percurso interpretativo em que sua recepção configura também essa especificidade. A publicização dos acontecimentos pela mídia é marcada por três aspectos: quadros compartilhados da experiência (o acontecimento se inscreve no espaço público que lhe confere significação partilhada por todos), a aparição do acontecimento (maneira como surge na cena pública atribui a ele individualidade) e a organização da ação pública (essa ação é conformada por um dispositivo especial, que tematiza e caracteriza a problemática dos acontecimentos).

A mídia permite essa proposição coletiva (para retomar o conceito de Deleuze), onde oferece a designação e a partir daí os sujeitos trabalham a manifestação e significação do acontecimento.

O sentido que sai daí é fragmentado, confuso, contraditório. Criam-se camadas de linguagem que se completam, voltadas para essa proposição (e preenchendo-a) e ao mesmo tempo para o estado de coisas que essa linguagem buscava reorganizar.

A vida cotidiana em contato com o espaço público expandido dos *media* estrutura-se diante da singularidade de acontecimentos, que agenciam habilidades específicas dos sujeitos. A característica impessoal das experiências chama atenção para seu caráter prático e social, relacionando, por meio da linguagem, expressão e afecção. Dessa maneira, o saber fazer das práticas cotidianas se estabelece a partir de diversos agenciamentos das experiências públicas, conformados em ações relacionais, que levantam quadros compartilhados e singularizam acontecimentos.

4 Para concluir

A partir de sua dominação pelo espaço público através da linguagem, o acontecimento se encaminha para um desenlace de sua forma em intriga³, esclarecendo o contexto de seu conjunto, revelando o estado de coisas existente e retomando os processos em curso. O inquérito que se coloca sobre o campo problemático criado pelo acontecimento em sua contribuição para a progressão da intriga torna-se parte fundamental de sua significação.

³ Segundo Quéré (2005), a intriga não quer necessariamente dizer narrativa, podendo assumir diferentes formas a partir de um inquérito sobre determinada situação.

Tal como se integram nas intrigas, contribuindo para seu desenvolvimento, os acontecimentos ganham um lugar em campos problemáticos e servem, pelo seu poder de esclarecimento e de discriminação, de pivots dos inquéritos que procuram e elaboram soluções. Ou, para retomar uma definição de G. Deleuze (1969, p. 72) que evoca as considerações de Dewey *supra*, os acontecimentos “são singularidades que se desdobram num campo problemático, e na vizinhança das quais se organizam soluções”. (QUÉRÉ, 2005, p. 73)

O acontecimento integra-se finalmente ao cotidiano, perdendo seu poder de grande afetação e organizado dentro da serialidade das coisas. Agora, trata-se de um “pequeno acontecimento”, dominado pela linguagem e da ordem do esperado, do possível.

Buscamos, neste trabalho, uma tentativa de mapeamento da relação cotidiano/acontecimento. A mídia é cotidiana: depende do cotidiano e também o conforma organizando os fatos, seja como notícia ou entretenimento. É por estar integrada a essa ordenação, por ser parte do cotidiano, que a mídia é afetada pelo poder de descontinuidade dos acontecimentos. Do cotidiano ao acontecimento, o trabalho da mídia é uma proposição que busca dar significado ao acontecimento através da linguagem e devolvê-lo ao espaço público já integrado à ordem das coisas. Dominado pela linguagem, o acontecimento perde seu caráter hermenêutico e se apresenta moldado, enquadrado, significado. É desses “pequenos acontecimentos” que nosso cotidiano se constrói: acontecimentos domados em forma de intriga, colocados para todos

nós em relações de causa e efeito que podem ser dominadas e reorganizadas, criando uma ordenação de fatos distintos que me permite afirmar que, aparentemente, “todo dia ela faz tudo sempre igual”. Isso, claro, até um novo “assombro exemplar” romper com a serialidade, exigindo a produção de um novo sentido. E lá estará a mídia com uma nova proposição para aquilo que não tem explicação, em seu constante trabalho de ir do cotidiano ao acontecimento e do acontecimento de volta ao cotidiano.

Referências bibliográficas

- BUARQUE, Chico. Cotidiano. Intérprete: Chico Buarque. In: **Construção**. Rio de Janeiro: Philips, 1971.
- CHIARA, Ana. No mês do cavalo. In: LOPES, Denilson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: UnB; Finatec, 2007. p. 11-16.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- DEWEY, John. Vivre une expérience. In: _____. **L'art comme expérience**. Pau: Farrago, 2005. p. 59-83.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- QUÉRÉ, Louis. Le caractère impersonnel de l'expérience. In: SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, 2., Belo Horizonte. Belo Horizonte: Fafich, UFMG, 2007. (Comunicação oral)
- _____. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.

_____. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, Isaac (org.). **Prendre place.** Espace public et culture dramatique. Colloque de Cerisy. Cerisy: Association des Amis de Pontigny-Cerisy/Éditions Recherches, 1995. (p. 93-110)

REIS, Nando. O segundo sol. In: **Infernal.** Rio de Janeiro: Warner WEA, 2001.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna:** intelectuais, arte e vídeo cultura na Argentina. Tradução: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.

WOLTON, Dominique. Les contradictions de l'espace public médiatisé. **CNRS/ Hermes**, Paris, n. 10, p. 95-114, 1991.

From quotidian to happening, from happening to quotidian

Abstract

The objective of this article is to investigate the relation between quotidian and events, concepts seen here from Louis Quéré, Gilles Deleuze and John Dewey's points of view. More often than before, everyday life is broken by events that at a first glance seem to be meaningless and have no explanation at all and with strong power of infection that, gradually, will be sedimented in the experience of the person. We presume that the media work so as to give meaning to the events through language and give it back to the public, now combined with the natural order of things – on the timing of quotidian.

Keywords

Quotidian. Happening. Media.

De lo cotidiano al acontecimiento, del acontecimiento a lo cotidiano

Resumen

Este artículo investiga la relación entre vida cotidiana y acontecimiento, conceptos aquí de Louis Quéré, Gilles Deleuze y John Dewey. Cada vez más, la rutina es quebrada por acontecimientos sin sentido o sin explicación y con un fuerte poder de afectación que, poco a poco, se van sedimentando en la experiencia del sujeto. Partimos del supuesto de que el trabajo de los medios de comunicación dará significado a los acontecimientos a través de la lenguaje. Así, los acontecimientos vuelven al espacio público ya integrado a la orden de las cosas – en el tiempo de la vida cotidiana.

Palabras clave

Vida cotidiana. Acontecimiento. Media.

Recebido em:

05 de outubro de 2008

Aceito em:

12 de dezembro de 2008

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.11, n.3, set./dez. 2008. A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Albuquerque

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alberto Carlos Augusto Klein

Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Alex Fernando Teixeira Primo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Alfredo Vizeu

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

André Luiz Martins Lemos

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Ângela Freire Prysthon

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Antônio Fausto Neto

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Antonio Carlos Hohlfeldt

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Arlindo Ribeiro Machado

Universidade de São Paulo, Brasil

César Geraldo Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Freitas Gutfreind

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Denilson Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Eduardo Peñuela Cañizal

Universidade Paulista, Brasil

Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Francisco Menezes Martins

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Gelson Santana

Universidade Anhembi/Morumbi, Brasil

Hector Ospina

Universidad de Manizales, Colômbia

Ieda Tucherman

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Itania Maria Mota Gomes

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Janice Caiafa

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Jeder Silveira Janotti Junior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

João Freire Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

John DH Downing

University of Texas at Austin, Estados Unidos

José Luiz Aidar Prado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

José Luiz Warren Jardim Gomes Braga

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Juremir Machado da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Lorraine Leu

University of Bristol, Grã-Bretanha

Luiz Claudio Martino

Universidade de Brasília, Brasil

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Lucia Santaella

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Mauro Pereira Porto

Tulane University, Estados Unidos

Muniz Sodre de Araujo Cabral

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nilda Aparecida Jacks

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Renato Cordeiro Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ronaldo George Helal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Rosana de Lima Soares

Universidade de São Paulo, Brasil

Rossana Reguillo

Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores do Occidente, México

Rousiley Cell Moreira Maia

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Sebastião Carlos de Moraes Squirra

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Simone Maria Andrade Pereira de Sá

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Suzete Venturilli

Universidade de Brasília, Brasil

Valério Cruz Brittos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Veneza Mayora Ronsini

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Vera Regina Veiga França

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Ana Gruszynski | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rose Melo Rocha | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

CONSULTORES AD HOC

Alexsandro Galeno Araújo Dantas | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Isaltina Gomes | Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

João Luis Anzanello Carrascoza | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Malena Segura Contrera | Universidade Paulista, Brasil

Marcia Benetti | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Maria Aparecida Baccega | Universidade de São Paulo, Brasil

Vander Casaqui | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

REVISÃO DE TEXTO E TRADUÇÃO | Everton Cardoso

ASSISTÊNCIA EDITORIAL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Raquel Castedo

COMPÓS | www.compos.org.br

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

erickfelinto@uol.com.br

Vice-presidente

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

asilvia@faac.unesp.br

Secretária-Geral

Denize Correa Araújo

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

denizearaujo@hotmail.com